



As Ordens Religiosas em Cabo Verde

As **Ordens Religiosas**, como a dos **Franciscanos**, acompanharam logo os primeiros povoadores, no sentido de fornecerem os primeiros serviços religiosos e catequizarem as comunidades locais. Já havia a ideia inicial de formação de um **clero local**, que mais facilmente chegasse às comunidades africanas, logo pelos homens do infante D. Henrique, por 1444 e, depois, por D. João II, chegando a **Santa Sé**, por breve pontifício de **12 de Junho de 1518**, a dar faculdades ao capelão-mor do monarca português para **promover ordens sacras aos índios e africanos**. Nos finais do século XVI, em **1584**, já se refere na Guiné um **jalofo**, o **padre João Pinto**, seguindo-se depois outros, por certo formados em Lisboa, ou nos núcleos das ordens religiosas locais, o mesmo devendo ter acontecido em **Cabo Verde** e bem mais cedo.

O **bispo de Cabo Verde, D. Francisco da Cruz**, por alvará régio de **4 de Janeiro de 1570**, obtém de Lisboa que todos os **benefícios e dignidades eclesiásticas** na sua Diocese, desde que não envolvessem obrigações de pregação, aspecto que depois caiu no esquecimento, **fossem providos localmente por candidatura**, para assim favorecer os **clérigos naturais de Cabo Verde**. As vagas seriam afixadas nas portas das igrejas e as candidaturas eram depois apreciadas pelo prelado, em sínodo diocesano, ou não, pois que não temos especiais referências a ter acontecido, sendo os nomes enviados para o rei, para o mesmo os confirmar. Esta **política ultramarina da corte portuguesa**, geral nas restantes dioceses, vai permitir a progressiva **emergência de um clero local** e, conseqüentemente, de toda uma nova clientela ligada ao mesmo, aspecto depois confirmado pelo **padre António Vieira**, de que os **cónegos da Sé de Cabo Verde eram todos de cor**.

Em **1570** foi também determinada a instituição de seminários para todas as dioceses e que para **Cabo Verde** chegou a ter verbas perfeitamente definidas. O **seminário da Ribeira Grande**, no entanto, não teria chegado a funcionar nesses anos, embora se tenha iniciado uma **aula de Gramática**, que pensamos leccionada por franciscanos. Mais tarde, foi levantado um edifício junto à Sé com essa função de **Seminário** e também a de **Paço Episcopal**, mas pouco sabemos como funcionaria, embora tenha chegado aos nossos dias a sua planta, com propostas de reformulação, sinal de ser assim um edifício bastante mais antigo.

Em **1604** chegou a **Cabo Verde** a primeira **missão jesuíta**, de que era superior o **padre Baltasar Barreira** e cuja função era a futura **montagem de um colégio**, nos moldes dos existentes nas ilhas e, ao mesmo tempo, superintender sobre o clero e sobre os seminários locais. Os **jesuítas** eram homens cultos e **informavam periódica e meticulosamente os seus superiores** do que se ia passando na missão, informações hoje preciosas. No entanto, habituados que estavam a tomar conta da situação a qualquer sítio onde chegassem, as coisas acabaram por não correr como eles queriam, pois encontrava-se instalada uma **outra ordem**, ou a avaliar pelas suas informações, encontrava-se em instalação.

Escreve o **padre jesuíta Sebastião Gomes**, que chegou a Santiago nessa primeira leva, logo em 1604, que na cidade havia então “**muita gente de Portugal e na câmara raramente entrava crioulo**”. No entanto, treze anos mais tarde, em **1617**, o mesmo

padre queixava-se de que “*chegou a terra a tais termos, que quantos há hoje na câmara são crioulos*”. Mais tarde, em 1627, perante um libelo que a câmara da Ribeira Grande fez contra os jesuítas, que, como sempre, se tentavam apossar das melhores propriedades, como aconteceu na Madeira, nos Açores, no Brasil e na Índia, furioso, insiste na **crioulização dos estratos dominantes da cidade**, afirmando: “*A gente desta ilha é muito pouca, e se entre todos os moradores dela se acham vinte homens da governança que de todo sejam brancos, não será pouco*”. Estava assim aberto um conflito e em breve os jesuítas saíam de Cabo Verde.

Para **Cabo Verde** acabaram por seguir outras **levas de jesuítas**, mas com a deslocação dos padres à costa da Guiné, a morte prematura por doenças contraídas em África de vários destes missionários e as dificuldades que encontraram para adquirir **boas propriedades**, essenciais no seu entender para a sua manutenção, a **fundação da missão** entrou num impasse e a ideia de **fundar um colégio** foi definitivamente abandonada. Aumentava na Companhia o interesse pelo Brasil, que não deixava de crescer, assim como pelo Oriente, acabando os **jesuítas por abandonarem a missão em 1642**.

De certa forma, a **missão jesuíta** viria a ser substituída por outra de **franciscanos**, aos quais os jesuítas sempre se tinham tentado opor, mas muito mais capazes de lidar com certas adversidades e de se integrarem nos meios mais hostis. A nova missão franciscana era então de **Capuchinhos**, da **província da Piedade**, em 1656, ordem reformada, em 1528, a partir dos frades menores franciscanos, mas especialmente vocacionada para as missões. A esta missão franciscana se juntariam, depois, os da **província da Soledade**, igualmente franciscanos, em 1674, só se registando a presença jesuíta em Cabo Verde de passagem para o Brasil ou para o Oriente.